

CEDI - P. I. B.
DATA 27/11/72
COD. 907 501 25

OS GÓROTIRE

RELATÓRIO APRESENTADO AO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS, EM 18 DE ABRIL DE 1940

por

CURT NIMUENDAJU

Kaiapó Setentrionais e Meridionais. — O nome Kaiapó foi dado, na segunda metade do século XVII, a uma tribo gê que ocupava uma grande área no Sul de Goiás (afluentes da margem direita do Paranaíba e formadores do Araguaia), no Sudeste de Mato Grosso (afluentes da margem direita do Paraná até o Rio Pardo-Nhandui, Alto Taquari e Piqueri-Correntes), no Noroeste de São Paulo e no Triângulo Mineiro. Depois de lutas prolongadas, a tribo reconciliou-se em Goiás, em 1780, e em 1910 estava reduzida a umas trinta e tantas pessoas que moravam em ambas as margens do Rio Grande, abaixo do Salto Vermelho (19° 50' l. S., 50° 30' long. O.). Hoje os Kaiapó Meridionais desapareceram como tribo.

Os Kaiapó Setentrionais são igualmente conhecidos desde o século XVII, sendo designados por “Coroás” em Mato Grosso, até depois do ano de 1884 e “Carajás”, no Estado do Pará, até 1918. Ao Oeste do Araguaia eram conhecidos desde o comêço do século XIX como Kradahú (Gradahô), nome que lhes dão os Karajá do Araguaia. Castelnau, que visitou êste rio em 1844 é, ao que me parece, o primeiro a aplicar o nome de “Caiapós” a esta fração.

Castelnau considerava os Kaiapó Setentrionais como uma ramificação dos Meridionais que se refugiara para o Norte, e outros escritores têm subscrito êste ponto de vista. Contudo, de um exame da língua, cultura e história dos mesmos, conclui-se serem duas tribos que, embora aparentadas, são claramente diferentes e não podem ser derivadas uma da outra.

A horda dos Kaiapó Setentrionais estabelecida na bacia do Rio Pau d'Arco, afluente do Araguaia, e à qual, como vizinha dos Karajá,

se referia especialmente o nome "Kradaú", entrou pelos anos de 1860 e tantos em relações pacíficas com os habitantes de Santa Maria do Araguaia, relações estas que se estreitaram ainda mais com os esforços do General Couto de Magalhães e, nos anos de 1890 e poucos, de Fr. Gil de Villanova, fundador de Conceição do Araguaia. Em consequência dessas relações, esta horda, que foi avaliada em 1.500 pessoas em 1897, acha-se hoje reduzida a umas trinta e tantas.

Os Górotire. — Couto de Magalhães foi, pelo que sei, o primeiro a mencionar esta subtribo Kaiapó na região do Xingu. O colégio Isabel, no Araguaia, fundado por ele, teve, um certo tempo, alunos provenientes dela. Mas, devido às maquinações do chefe Wanaó, pelos fins do século XIX, êstes Górotire abriram hostilidades contra a horda do Pau d'Arco, inimizada esta que até hoje perdura. Em 1897, Coudreau, baseando-se nas informações dadas por Fr. Gil, calculou em 1.500 o número dos Górotire no Rio Fresco. Coudreau os tinha como provavelmente idênticos ao Suiá, mas, estas duas tribos, se bem que aparentadas, são lingüística e etnolôgicamente diferentes. Segundo as informações do engenheiro F. Schmidt-Belém, a aldeia dos Górotire estava, em 1908, quando se abriu a comunicação entre Conceição do Araguaia e o Rio Fresco, num afluyente da margem direita dêste último, provavelmente o atual Ribeirão da Ponte. Naquela época os Górotire ainda estavam de paz, mas já no tempo da viagem de W. Kissenberth, no mesmo ano, as hostilidades com os civilizados tinham começado, tornando impossível qualquer aproximação pacífica.

A aldeia dos Górotire, que então já havia sido transferida mais para o Oeste, entre o Riozinho e seu afluyente pela margem direita e o Vermelho, foi duas vezes atacada pelos caucheiros chefiados por Antônio Firmino. O primeiro ataque fracassou. No segundo, a aldeia e os mantimentos que existiam em grande quantidade foram destruídos. Em consequência disto os Górotire se retiraram mais para o Sul, acima da Cachoeira da Fumaça do Riozinho, fazendo de lá, anualmente, correrias sangrentas, não só contra os habitantes do Xingu que desde o século XVIII já eram seus inimigos, como, também, contra os dos afluentes do Araguaia e Rio Fresco. Nessas correrias raptaram um número considerável de mulheres e crianças. Nem todos os ataques nesta zona devem ser atribuídos aos Górotire, exclusivamente. Provavelmente, outras hor-

das dos Kaiapó Setentrionais, especialmente os Krúatire e os Dyáre, procederam de modo idêntico.

Depois de 1915, quando a crise da borracha quebrou a força dos civilizados, os Górotire e seus comparsas estenderam cada vez mais as suas correrias. Em 1918 atacaram pela primeira vez no Rio Curuá que eles até então tinham evitado talvez com receio dos Kuruáia. Em 1928 o missionário protestante Ernest J. Woottens fez no Rio Fresco, pouco abaixo de Novo Horizonte, uma tentativa de se comunicar com os Górotire, que fracassou, raptando êstes a mulher do índio, seu intérprete. Em 1934 os Górotire derrotaram e dispersaram os Kuruáia. De 1931 a 1935 o bispo de Conceição do Araguaia, D. Frei Sebastião Thomas empreendeu três viagens pelo Rio Fresco acima, conseguindo falar pacificamente com os Górotire as 5 crianças porém que, (*muito contra vontade*), eles lhe tinham esbido, fugiram do primeiro pouso da volta.

Menos de dois meses antes dessa última viagem do bispo, três missionários ingleses (os "três Freds"), desprezando todos os conselhos, subiram sem mais acompanhamento o Riozinho, num motor, sendo mortos pelos Górotire na Cachoeira da Fumaça.

Em 1936 deu-se, em consequência de lutas internas, o esfacelamento dos Górotire em diversos bandos. Um dêles, hoje chamado Kubê-krâkégn ("calvos") pelos outros, permaneceu por enquanto na região do Alto Riozinho. Os outros emigraram para o Norte, levando consigo mulheres e crianças o que dantes, nas suas correrias, nunca faziam, e se espalharam pelas terras tanto a Oeste como a Leste do Xingu. O bando chamado Kipaíre pelos outros, esbarrou no seu caminho com a tribo tupi dos Agurini, entre o Xingu e o Pacajá, derrotando-a, como provam os prisioneiros e numerosas peças de esbulho. Depois desta vitória tomaram novamente o rumo do Rio Fresco, onde ainda fizeram dois ataques aos castanheiros, em começo de 1937. Em março, porém, depois de fracassada uma sua tentativa de reconciliação com os moradores dos campos do Araguaia, mandaram um dos seus prisioneiros de guerra como parlamentário aos moradores de Nova Olinda, no Rio Fresco, apresentando-se depois pacificamente, em número de 300, chefiados pelo índio Tekóere.

Fizeram acampamento em frente a Nova Olinda, na boca do Riozinho, onde logo a quarta parte dêles morreu da gripe. O primeiro contato com o álcool e a prostituição começou. Todos os esforços dos

civilizados visaram sistematicamente a dissolver e esfacelar o bando quanto antes. Com uma parte deles os padres de Altamira fizeram uma tentativa de missão em frente à boca do Carapanã, que abandonaram logo. O S. P. I. nomeou Pedro Silva encarregado dos índios, mandando-lhe alguns mantimentos e presentes, mas ninguém se lembrou do único meio que havia para salvar a tribo: retirá-la com a maior pressa possível da vizinhança dos civilizados e da zona da mata para reconduzi-la aos seus campos de onde tinham vindo. Mas cumpre reconhecer que Pedro Silva trabalhou esforçadamente para deter a almejada dissolução do bando e denunciar os crimes cometidos contra os índios, sem se atemorizar com o ódio mortal da quase totalidade dos civilizados do Xingu que esta atitude lhe acarretou.

Naturalmente, apesar da aparente confraternização, as relações entre os Górotire e os civilizados não podiam ser verdadeiramente boas. A desmedida presunção destes, seu ódio e sua repugnância contra os "bichos", o seu terror e ao mesmo tempo a ganância de querer explorá-los, tudo isto revestido de uma vergonhosa falta de sinceridade, tornaram impossível um sentimento leal de amizade e solidariedade. Que de fato a razão disto não estava tanto na "ferocidade" dos Górotire veremos logo adiante.

Por certo que os Górotire, no estado em que estavam, não eram vizinhos agradáveis para os moradores. Boa parte dos índios possuía rifles mais ou menos prestáveis, tomados em ataques anteriores e procuravam aumentar, por tôdas as formas, o seu armamento e a munição, furtando-os onde podiam. Por qualquer coisa exigiam — e recebiam — cartuchos em pagamento, mesmo as mulheres. Aliás, eles não tratavam de armar-se contra os civilizados, como estes acreditavam, e sim contra o bando dos Kubē-krākégñ, pois a guerra entre as duas frações continuava. O pouco de mantimentos que havia em e ao redor de Nova Olinda desapareceu nas mãos dos índios, com ou sem o consentimento dos donos. Um depois do outro os moradores começaram a abandonar o lugar.

Em comêço de 1938 a situação ficou insustentável. A aversão recíproca chegou ao auge. Imundície e miséria, doença e fome reinavam no acampamento na boca do Riozinho. Os Górotire abandonaram o lugar. Um pequeno número ficou ainda com Pedro Silva. Logo depois

mataram cinco castanheiros no Rio Branco. — "O bicho só amansa mesmo a bala".

Neste meio tempo a *Unevangelized Fields Mission* tinha encarregado um dos seus membros, Horace Banner, que já havia estado entre os Urubu, de verificar a sorte dos "Três Freds". Horace subiu o Riozinho até a Cachoeira da Fumaça onde encontrou o motor dos três, estragado e afundado, mas sem qualquer outro vestígio. Em 1938 Horace Banner se estabeleceu na margem direita do Riozinho, légua e meia acima de Nova Olinda, onde mandou fazer uma casa barreada e coberta com palha e uma grande roça de milho. Não demorou muito que os Górotire começassem a afluir para este lugar. Horace possui uma habilidade notável para tratar com os índios. A sua amabilidade invariavelmente calma e sincera, a sua prontidão em socorrer a quem preciso fôr, o seu modo de tratar os índios com a mesma consideração que os civilizados, agradou aos Górotire. A sua conduta contrastou de tal maneira com a dos outros civilizados que os índios julgaram ter êle descido do mundo que, conforme crêem, existe por cima do céu e onde há gente como no nosso. Num ano aprendeu correntemente a língua kaiaipó. Em dezembro de 1938 e janeiro de 1939 tinha consigo uma boa parte do bando Kapaire que morava em 5 casas construídas à maneira dos civilizados, ao lado da morada dele. Em janeiro se dispersaram, mas, em maio, a maior parte voltou à missão, ficando uma fração menor com os chefes Adyuremž, Be-prónt e Be-maití nos campos do Araguaia. Por lá mataram, em outubro de 1939, três homens que levavam animais de Conceição para o Rio Fresco para buscar um certo Benedito Ribeiro. Verdade é que pouco antes uma índia prenhe havia sido morta por um civilizado que a encontrou na roça.

Daqueles Górotire que vagavam ao Ocidente do Xingu, um bando numeroso havia transposto o Iriri, descendo pelo Rio Jarauçu que, perto de Pôrto de Moz e pouco ao Leste do Xingu desemboca num furo do Amazonas, chamado Aquiqui. Depois de algumas hostilidades mandaram também eles um prisioneiro de guerra para fazer as pazes com os moradores civilizados daquele rio. O prefeito de Pôrto de Moz a cujo município o Jarauçu pertence achou que "naturalmente" os índios deviam ser fixados lá onde tinham aparecido, a fim de receber a influência benéfica da civilização. A tentativa custou-lhe, ou melhor, ao S. P. I., algum dinheiro, mas o resultado assemelhou-se desgraçadamente àquele

de Nova Olinda: primeiro, uma parte dos índios logo morreu. Vi em mãos de um reporter *El Noite* fotos horríveis representando êsses infelizes, jogados, vivos, junto com cadáveres, no soalho da casa que lhes servia de morada. Ninguém se lembrou, também, que a salvação não dependia duma anexação imediata à civilização e sim da retirada para os campos de onde tinham vindo. Por fim, os sobreviventes mesmos se retiraram. Consta que foram enxotados a tiros. No seu caminho atacaram uma casa no Rio Guará, matando algumas pessoas e raptando uma mulher com o filho. Apesar disto tornaram a aparecer logo depois pacificamente em frente a Itapinima, na margem esquerda do Xingu, onde acamparam durante algum tempo. Depois se retiraram mais para o centro e finalmente desapareceram por completo. Já eram bem poucos.

Em setembro de 1939 o bando Kubê-krákégn dos Górotire que até então tinha permanecido na sede antiga da tribo, nos campos, apresentou-se também pacificamente, em número de uns 400, ao último morador civilizado do Xingu, Constantino Viana, na Serra Encontrada. Duas vezes derrotados pelos guerrilheiros do bando Kapáire, armados com rifles, tiveram de refugiar-se na zona da mata do Xingu. Também êstes Kubê-krákégn mandaram uma prisioneira de guerra como parlamentar da paz, e, feita esta, acamparam em frente à casa de Constantino, situada numa ilha numa roça de mandioca que êste — *volens volens* — lhes entregou para a sua alimentação.

Êste Constantino Viana merece algumas palavras: contando hoje uns 60 e tantos anos, é há 30 anos, o último morador no Alto Xingu. Durante êsse tempo, por diversas vezes, teve contato com índios, em consequência do que êle próprio se convenceu do seu papel de "amansador dos bichos". Pode-se dizer mesmo que tem prazer neste mister. As suas primeiras vítimas foram aquêles míseros restos dos Yuruna, dantes tão numerosos, que tinham fugido até acima da Cachoeira de Martins. Constantino mandou buscá-los por um mateiro, tripulou logo uma embarcação grande com 15 canoieiros Yuruna e desceu a Altamira, onde 13 dêles morreram miseravelmente: eu mesmo assisti esta tragédia em 1915. Quando os que haviam ficado no barracão souberam o que acontecera, o seu velho chefe Mãma fugiu com o resto rio acima, levando uma canoa de Constantino. Êste perseguiu os fugitivos, alcançou-os e massacrô-os. Debruço das gargalhadas dos seus cabras êle mesmo me contou esta façanha.

Um resto dos Yuruna, porém, agüentou-se ainda no Alto Xingu. Armados de rifles como estavam, fizeram uma tentativa de roubar crianças aos Suiá. Mas a correria fracassou e êles mesmos perderam algumas mulheres que caíram nas mãos dos Suiá. Foram então solicitar o auxílio de Constantino contra aquêles. Constantino armou a sua cabroeira, subiu o Xingu, mandou cercar a aldeia dos Suiá, provavelmente no baixo Paranaiúba, incendiar as 15 casas grandes de que era composta e fuzilar os que escapavam das chamas. De volta, ainda assaltaram um grupo pacífico de Kamaiurá e Waurá, moradores acima da confluência dos formadores do Xingu, roubando-lhes as mulheres e crianças. A volta desta expedição com as canoas carregadas de espólios e prisioneiros foi a maior glória da vida de Constantino. Menos feliz foi, entretanto, com os Kaiapó da horda Krúatire, no Igarapé de São Bento: êles mataram-lhe um cabra, obrigando-o, há dois anos atrás, a abandonar a sua colocação em Flor de Ouro e mudar-se mais para baixo, para a mencionada ilha da Serra Encontrada.

E foi precisamente nos braços dêste indivíduo que os Kubê-krákégn, com mulheres e filhos, entenderam de atirar-se! — Por enquanto, porém, as coisas corriam relativamente bem para os índios, embora morressem também aqui uma dúzia logo depois da chegada. Contudo, depois de um mês mais ou menos, quando já não havia mandioca na roça, êles se retiraram novamente para o interior, talvez para uma roça dêles, que, segundo dizem, existe no curso superior do Igarapé do Tadéu.

Fora dêstes três bandos de Górotire existem ainda mais um ou dois outros grupos de Kaiapó que vagueiam atualmente nas matas da bacia do Rio Iriri e nos afluentes da margem direita dos Tapajós do Jamaxim (inclusive) para baixo. Não sei se se trata de Górotire ou de membros de alguma outra horda de Kaiapó. Até agora êles se conservaram hostis e intratáveis e são o terror dos civilizados da zona. Já em 1939 alcançaram a margem oriental do Tapajós abaixo de Itaituba, nas terras de Henry Ford.

Era esta a situação quando, em 1.º de Novembro de 1939, empreendi a minha viagem de reconhecimento aos Górotire.

Do Diário de viagem

Pôrto de Moz. — Era o meu plano ir diretamente a Vitória, mas a bordo do vapor encontrei-me com um irmão leigo dos padres alemães